

ANO LXVIII N° 347
JANEIRO/MARÇO 2016



**GRAÇAS DO
PADRE CRUZ SJ**

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que descesteis do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedeui-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedeui-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Noso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.



Índice :

Porque só os católicos fazem o sinal da cruz?.....	pág. 3
Tomar a cruz significa ter gosto pelo sofrimento?	pág. 4
Misericórdia.....	pág. 7
O Papa convocou o Jubileu da Misericórdia.....	pág. 10
Os testemunhos nos arrastam.....	pág. 13
O Apóstolo dos transviados	pág. 16
Caridade sempre viva	pág. 19
A «Espada» da Paz	pág. 22
Deram Esmola e Agradecem Graças	pág. 25

Porque só os católicos fazem o sinal da cruz?

Os primeiros cristãos poderiam receber um prémio como publicitários, por terem criado a cruz como “logotipo de identidade corporativa” da Igreja.

Lembro-me de uma das primeiras perguntas de um antigo catecismo para crianças: “Qual o sinal do cristão? O sinal do cristão é a cruz”. Todas as instituições, hoje sobretudo, teem um logotipo que representa a sua imagem corporativa. Eu acho que os primeiros cristãos deveriam receber um prémio como publicitários por terem criado a cruz como logotipo da identidade corporativa da Igreja: é difícil encontrar uma imagem mais simples e mais “compreensiva” em intensidade e extensão, da visão, missão e valores da Igreja, do que a cruz. Na simples cruz, estão condensados o passado, o presente e o futuro da instituição divina da Igreja, em favor dos homens. Ao mesmo tempo, a cruz representa a caminhada diária do cristão:

“Quem quiser ser meu discípulo, tome sua cruz de cada dia e siga-me” (cf. Lc 23)

Quando o cristão faz o sinal da cruz, ele não está a praticar magia, nem a fazer um exorcismo, como pensa alguma gente, mas está expressando, com um gesto simples, todo o ideal da sua vida, indicando que quer carregar a cruz de Cristo nesse dia, na sua cabeça, nos seus lábios e no seu coração, com toda a sua alma e a sua mente e, além disso, realizando um ato de fé na Trindade, pronunciando “Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

Por tudo isso, muitas igrejas e lugares cristãos são presididos e coroados com a imagem da cruz ou de Cristo crucificado, querendo representar o momento culminante da história, no qual a humanidade foi resgatada por Jesus para Deus Pai.

Por tudo isso, ainda não entendo porque muita gente considera que fazer o sinal da cruz é uma blasfêmia...

*Javier Ordovás
Fevereiro, 2014*



Tomar a cruz significa ter gosto pelo sofrimento?

Se alguém quer vier após mim, negue-se a si mesmo e tome, a cada dia, a sua cruz e siga-me.” (Lucas 9, 23)

“Feliz quem teme o Senhor e segue seus caminhos. Viverás do trabalho de tuas mãos, viverás feliz e satisfeito” (Sl 127,1). Deus nos criou como participantes da vida, da natureza, do mundo, e responsáveis por eles. Olhar em torno de nós é nos encontrarmos em casa e nos dispormos a edificar com serenidade o lar comum, com as peças da fraternidade e da solidariedade.

Segundo o plano do Senhor, temos condições para realizar tal tarefa, ainda que, com inquietante frequência, nossas ações pareçam justamente destruir a obra de Deus e de tantas gerações. É que convivemos com o doloroso mistério do pecado, cuja presença já as primeiras páginas da Bíblia constataram. Desde o princípio, parece que apraz à humanidade fazer o jogo da violência, como crianças e adolescentes em brincadeiras eletrônicas, tantas delas montadas em plataformas de destruição recíproca. Incrível é ver quantos marmanjos de idade ou estatura avançada se dedicam a tais “retratos da vida”!

Ao formar Seus discípulos, Jesus lhes propõe um jogo diferente (Cf. Mt 16, 21-27), cujas peças têm nomes que se tornam caminhos de realização e salvação (Cf. Mt 16, 24-25). A primeira delas é “Se alguém quer”. Para dar o segundo passo, é preciso “seguir”. A terceira peça é “renuncie a si mesmo”, e a quarta: “tome a sua cruz”. Regra do jogo: “quem perder a sua vida por causa de mim vai encontrá-la”.

Deus nos ofereceu o precioso dom da liberdade, dando-nos a possibilidade de nos comprometermos com o Seu plano. Os objetivos



escolhidos na vida estabelecem os rumos a serem percorridos. Quem começa mal, escolhendo metas limitadas, já compromete a corrida da existência. Não fomos feitos apenas para ter casa própria, bom emprego, carro novo, muito dinheiro no banco. Deixemos que o Senhor nos pergunte sobre o que queremos efetivamente! Ideal digno dos homens e mulheres que Deus criou e que somos nós, é justamente aquele que foi descrito nas primeiras páginas da Sagrada Escritura (cf. Gn 1-2):

Deus, reconhecido como Criador e Pai de todos, homens e mulheres feitos à Sua imagem, com inteligência e liberdade, a fraternidade e o senhorio em relação à criação. Poucas palavras que refletem o plano de Deus. Para entrar no jogo da vida, saber decidir!

Renunciar a si mesmo! Trata-se de mudar o eixo da existência quando os impulsos da natureza pedem acúmulo de bens e afetos. A maturidade humana efetiva só pode acontecer quando um homem ou uma mulher alcançam essa altitude. Muitas pessoas só conseguirão dar esse passo nos instantes derradeiros da existência nesta terra, quando tiverem que se desapegar de tudo, pois deverão apresentar-se diante do Criador. É melhor antecipá-lo! É mais saudável viver não para si, mas para Deus e o próximo, e não são poucos os exemplos de gente que soube fazer essa mudança.

A decisão do cristão comporta o seguimento. A palavra “discípulo” indica a escolha feita, quando se escolhe ir atrás de alguém, com coração e ouvido aberto, pronto a pisar no mesmo rastro daquele que foi reconhecido como Mestre. E como não faltam mestres entre as muitas companhias que nos são oferecidas pelo caminho, a proposta é escolher Jesus: “Deu-me o Senhor Deus uma língua habilidosa para que aos desanimados eu saiba ajudar com uma palavra. Todas as manhãs Ele desperta meus ouvidos para que, como bom discípulo, eu preste atenção. O Senhor Deus abriu-me os ouvidos, e eu não fiquei revoltado, para trás não andei” (Is 50, 4-5).

Os discípulos chamados pelo Senhor Jesus tiveram surpresas. Uma delas, que assustou de forma especial aquele que tinha sido declarado “Pedra” (Cf. Mt 16, 21-23), foi a cruz. Carregá-la com disposição é



regra de jogo na vida cristã. Não se engane quem quer empreender essa estrada, mas decida-se a abraçá-la. Tomar a cruz não significa cultivar um gosto doentio pelo sofrimento ou os muitos incômodos da vida, pois a dor sozinha não gera frutos. Cruz significa transformar, como escolha livre, todos os atos da existência em amor a Deus e ao próximo, saindo de si mesmo para fazer o bem. Quer dizer encontrar o caminho diário da salvação, olhando para o alto, no amor a Deus, e abrir os braços no amor ao próximo. Na confluência dos dois amores se eleva a cruz e esta vem a ser abraçada e não arrastada.

A regra de vida a ser acolhida pelo cristão e proposta a todas as pessoas que desejam a felicidade autêntica é assim descrita por Jesus, num encontro que desencadeou nova etapa na vida de Seus discípulos. É que a novidade era tão grande que o Senhor precisou acompanhá-los bem de perto, aproveitando as lições do caminho a ser percorrido, para aprenderem o jeito novo de viver (cf. Mc 8, 1-10,52).

“Tu me seduziste, Senhor, e eu me deixei seduzir! Foste mais forte do que eu e me subjugaste! Tornei-me a zombaria de todo o dia, todos se riem de mim. Sempre que abro a boca é para protestar! Vivo reclamando da violência e da opressão! A palavra de Deus tornou-se para mim vergonha e gozação todo dia. Pensei: ‘Nunca mais hei de lembrá-lo, não falo mais em seu nome!’ Mas parecia haver um fogo a queimar-me por dentro, fechado nos meus ossos. Tentei aguentar, não fui capaz” (Jr 20,7-9).

Quando tantos podem pensar que as regras propostas por Deus não atraiam, eis que muita gente se dispõe a seguir o Senhor, aceitando passos do jogo da vida que parecem absurdas. No entanto, são elas o caminho da felicidade verdadeira. O contato com Deus, visto inclusive pelos profetas como verdadeira sedução, atrai as pessoas. Que mais pessoas aceitem esse jogo, no qual a vitória é certa, pois as partes envolvidas são o Céu e a Terra. Deus ama a humanidade e a faz parceira na construção de um mundo diferente! “Quem quiser salvar a sua vida, a perderá; e quem perder a sua vida por causa de mim a encontrará. De fato, que adianta a alguém ganhar o mundo inteiro, se perde a própria vida?” (Mt 16, 25-26).

Misericórdia

A Misericórdia é o modo de Deus amar o Homem, ferido pelo pecado e habitado pelo sofrimento. É a maneira que Deus tem de manifestar à humanidade, o Seu infinito amor por ela.

A palavra Misericórdia provém do latim e é composta por misere, miséria, em português, e por cordie, que quer dizer coração. Sendo assim, a misericórdia é o coração mesmo de Deus que se debruça sobre a miséria humana a fim de visitá-la e de transformá-la, por meio do Seu amor. Deus, em Seu infinito amor misericordioso não quer, tão somente, apagar todo sofrimento, pecado ou miséria do ser humano, Ele quer muito mais que isso. Para que possamos compreender melhor, tomemos um exemplo concreto a partir da narrativa de Lc 24, 13-35: os dois discípulos de Emaús.

Os discípulos estavam indo embora de Jerusalém, porque tudo parecia haver acabado com a morte de Jesus, parecia que toda a esperança que eles tinham era pura ilusão e que, finalmente, não havia outra conclusão a chegar senão, a de que Jesus não era o Messias. Eles estavam profundamente tristes e, por isso, decidiram sair de Jerusalém, perdendo assim, toda esperança. Eles estavam vivenciando a experiência da “desilusão” e o profundo sofrimento que ela traz consigo. Por causa desse sentimento, a visão que eles tinham da realidade estava obscurecida e, sendo assim, eles não conseguiam transcender os últimos acontecimentos e perceber o que estava realmente acontecendo.



É neste cenário que Jesus aparece, aproxima-se e caminha com eles. Jesus se põe a caminhar com eles: eis aqui o elemento chave para entendermos o modo de Deus agir por meio da Misericórdia. Jesus caminha com eles, exatamente nesse percurso que eles escolheram, ou seja, o de retornar a Emaús. Jesus sabe muito bem, que esse caminho não os conduzirá à verdade, tampouco o que eles pensam é o que realmente está acontecendo, mas Ele não diz nada, simplesmente se faz presente na vida deles de uma maneira que eles nem percebem. Contudo, eles não o reconhecem, não pelo fato de que Jesus não queira manifestar-se, mas, tão somente, porque o sofrimento vivenciado pelos discípulos impede-lhes de perceber a real presença de Jesus, posto que, naquele momento é a tristeza, fruto da deceção, que tem lugar dentro deles, não abrindo o espaço necessário e fundamental para que Jesus possa mostrar-lhe um horizonte distinto, que os ultrapasse, algo que eles já sabiam, porém que, naquele instante, eles não conseguiam mais acreditar (Lc 24,22-24).

Assim, acontece também em nossa vida, em relação aos nossos sofrimentos: quando eles veem, chegam a turvar-nos a visão, por um momento, de modo que não mais saibamos como sair daquela teia, e, por isso, sentimo-nos fracassados, derrotados, sem esperança, frágeis, débeis, sem força, quase como se habitássemos o fundo do poço. Somente por essa causa, tomamos o caminho da tristeza. Por ora, pensemos naquilo, dentro da nossa vida, que não temos a menor esperança de mudança, e que, mesmo Jesus parece não poder fazer coisa alguma. Mesmo porque, sobretudo, parece que Jesus não pode nada. Todavia, é nesse lugar existencial, nesse exacto instante que Jesus quer se fazer presente, por meio de Sua Misericórdia.

Deus jamais virá, em Sua Misericórdia, para revelar-nos que estamos no “caminho errado” sem ter realizado connosco o percurso que tomamos, sem ter estado ao nosso lado, ajudando-nos, pouco a pouco, a vivermos conhecendo a verdade e enxergando a realidade como ela realmente é.

Neste sentido, a Misericórdia em nossa vida, faz-se presente, por meio da simplicidade e da pequenez, no modo como que Deus

se faz pequenino, pondo-se no mesmo nível que o nosso, para paulatinamente ir transformando-nos e abrindo-nos para a verdade, para a vida, descentralizando-nos e abrindo-nos plenamente para Si e para o Seu amor. Ele, então, lhes disse: “Ó gente sem inteligência! Como sois tardos de coração para crerdes em tudo o que anunciam os profetas”! (Lc 24,25)

Então, Jesus fala: agora sim é o momento certo para Jesus falar, porque os discípulos tiveram tempo para “desabafar”, para narrarem eles mesmos a história e o que eles pensavam a respeito de tudo aquilo que haviam acontecido. Após aguardar o tempo que precisavam Jesus lhes fala do que era necessário dizer. Na verdade, existe um momento certo para reconhecermos a manifestação da Misericórdia. Ela não pode ocorrer a qualquer momento, existe um momento propício, e cada um de nós tem o seu tempo e Deus respeita imensamente esse tempo, porque a Misericórdia só será acolhida se for vivenciada no momento exacto, e esse momento acontece quando conseguimos abrir-nos a Deus e o deixamos manifestar-se plenamente em nós.

A Misericórdia de Deus respeita o nosso tempo; ela não nos invade, nem nos obriga a absolutamente nada. Simplesmente Ela vem, permanece ao nosso lado, torna-se presente e espera o momento oportuno para manifestar-se de maneira concreta.

Desta feita, Jesus pôde explicar aos discípulos, o que realmente estava acontecendo e ajudou-os a enxergar a realidade com os olhos de Deus, já que seus olhos, naquele momento, estavam abertos para recebê-la. Naquele momento, os discípulos de Emaús retornaram a Jerusalém, sentiram-se fortalecidos no seu mais profundo âmago e, renovados interiormente, puderam crer nas promessas de Jesus. Do mesmo modo, age a Misericórdia em nossa vida: Ela vem, aproxima-se, caminha connosco, fortalece-nos e renova-nos.

Deixemos que a Misericórdia nos possa visitar.

*Irmã Maribel Pérez León
Missionária da Vida*





O Papa convocou o Jubileu da Misericórdia

OPapa Francisco convocou um Ano Jubilar dedicado à Misericórdia de Deus, “fonte de alegria, de serenidade e de paz”. Terá início no próximo dia 8 de dezembro. Neste documento, o Santo Padre fala da Misericórdia e convoca o Jubileu. Recordemos algumas passagens.

“Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. O mistério da fé cristã parece encontrar nestas palavras a sua síntese. Tal misericórdia tornou-se viva, visível e atingiu o seu clímax em Jesus de Nazaré. O Pai, «rico em misericórdia» (Ef 2, 4), depois de ter revelado o seu nome a Moisés como «Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e fidelidade» (Ex 34, 6), não cessou de dar a conhecer, de vários modos e em muitos momentos da história, a sua natureza divina.

Na «plenitude do tempo» (Gl 4, 4), quando tudo estava pronto segundo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar, de modo definitivo, o seu amor.

Quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14, 9). Com a sua palavra, os seus gestos e toda a sua pessoa... Há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai. Foi por isso que proclamei um Jubileu Extraordinário da Misericórdia como tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes...

«É próprio de Deus usar de misericórdia e, nisto, se manifesta de modo especial a sua omnipotência». Estas palavras de São Tomás de Aquino mostram como a misericórdia divina não seja, de modo algum, um sinal de fraqueza, mas antes a qualidade da omnipotência de Deus.

... A sua pessoa não é senão amor, um amor que se dá gratuitamente. O seu relacionamento com as pessoas, que se abeiram d'Ele, manifesta algo de único e irrepetível. Os sinais que realiza, sobretudo para com os pecadores, as pessoas pobres, marginalizadas, doentes e atribuladas, decorrem sob o signo da misericórdia. Tudo n'Ele fala de misericórdia. N'Ele, nada há que seja desprovido de compaixão...

... Nas parábolas dedicadas à misericórdia, Jesus revela a natureza de Deus como a dum Pai que nunca se dá por vencido enquanto não tiver dissolvido o pecado e superada a recusa com a compaixão e a misericórdia... A misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós. Ele sente-Se responsável, isto é, deseja o nosso bem e quer vernos felizes, cheios de alegria e serenos. E, em sintonia com isto, se deve orientar o amor misericordioso dos cristãos. Tal como ama o Pai, assim também amam os filhos. Tal como Ele é misericordioso, assim somos chamados também nós a ser misericordiosos uns para com os outros.

A arquitrave que suporta a vida da Igreja é a misericórdia. Toda a sua ação pastoral deveria estar envolvida pela ternura com que se dirige aos crentes; no anúncio e testemunho que oferece ao mundo, nada pode ser desprovido de misericórdia...



... A Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém. No nosso tempo, em que a Igreja está comprometida na nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser reproposto com novo entusiasmo e uma ação pastoral renovada. É determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafiá-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia.

... Neste Ano Santo, poderemos fazer a experiência de abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática. Quantas situações de precariedade e sofrimento presentes no mundo actual! Quantas feridas gravadas na carne de muitos que já não têm voz, porque o seu grito foi esmorecendo e se apagou por causa da indiferença dos povos ricos. Neste Jubileu, a Igreja sente-se chamada ainda mais a cuidar destas feridas, aliviá-las com o óleo da consolação, enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas. Não nos deixemos cair na indiferença que humilha, na habituação que anestesia o espírito e impede de descobrir a novidade, no cinismo que destrói. Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira de indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo.”

“BULA DE CONVOCAÇÃO DO JUBILEU EXTRAORDINÁRIO DA MISERICÓRDIA”



Os testemunhos nos arrastam

Sem dúvida, todos nós precisamos de pessoas inspiradoras, que instiguem o nosso modo de viver por meio do seu testemunho. Ansiamos por modelos autênticos de homens e mulheres, cujo olhar esteja voltado somente para Deus, e por um exemplo íntegro, apontem-nos o caminho a seguir, semelhantes a luzeiros que iluminam a estrada durante a noite. Pessoas que, muito além das palavras, mostrem com atitudes o amor ao próximo, que vivem incendiadas pelo fogo de amor vindo do Espírito Santo. O exemplo dessas pessoas é de singular importância, pois não poucos pautam suas vidas neste “outro Cristo”, que passa as mesmas angústias e aflições do Senhor, mas é notória a confiança depositada n’Ele para vencerem todo o obstáculo pela fé.



Desta maneira, urge a necessidade de modelos de fé tangíveis a nossos olhos, sobretudo para a juventude, tão carente de testemunhos cristãos. Por isso é imprescindível para um crente a vida coerente com os valores evangélicos, capazes de transformar a maneira de viver num atrativo testemunho de fé em Jesus Cristo, em meio à atual sociedade, a qual, cada vez mais, apresenta uma cultura de contra valores baseada na decadência moral e ética.

Desafio de ser um jovem de fé na modernidade

Percebendo a grande necessidade da época por modelos de fé arraigados na crença em Cristo, São Paulo, numa convicção intrépida, põe a si mesmo como modelo a se imitar e diz aos coríntios: “Tornai-vos os meus imitadores, como eu o sou de Cristo.”

Todavia, não há testemunho verdadeiro sem luta cotidiana pela santidade, e podemos afirmar que ela é o passaporte para o testemunho cristão. Almejar uma grande conquista sem desafios e dificuldades, sem perdas e sacrifícios, é margear um precipício de olhos vendados. Quem deseja o prémio oferecido por Jesus – a salvação -, deve saber a direção e por qual caminho seguir, sem o qual a frustração é certa.

“Urge a necessidade de modelos de fé tangíveis a nossos olhos, sobretudo para a juventude, tão carente de testemunhos cristãos”

Santo Agostinho lembra-nos algo relevante sobre o testemunho, “as palavras convencem, porém os testemunhos arrastam”. Seria maravilhoso ver jovens e adolescentes serem “arrastados”, evidentemente pelo testemunho de outros moços e moças, à vivência da Celebração Eucarística e dos demais sacramentos na convivência fraterna em comunidade. Percebemos, assim, que o exemplo de vida fala muito mais alto do que as palavras. No mundo contemporâneo, talvez, o testemunho de vida cristã seja a forma com maior eficácia na evangelização.

Sendo assim, com perspicácia rara de um pastor, o Papa Bento XVI alarga os nossos horizontes acerca da força do testemunho

cristão e nos assegura: “Como um pequeno fogo pode incendiar uma floresta, assim o testemunho fiel de alguns pode espalhar a força purificadora e transformadora do amor de Deus numa comunidade ou nação”. O vigário de Cristo não fala de uma grande chama, mas de ‘um pequeno fogo’ que, de maneira nenhuma, é diferente em relação ao testemunho dos cristãos, ou seja, não precisa mais que poucos anunciem o Evangelho de Cristo com a própria vida para que se possa incender o mundo com a chama viva do amor de Deus.

Enquanto não entendermos que a lógica do mundo segue contrária à de Deus, desejaremos ver quantidade em vez de qualidade; portanto, entendamos: Deus anda por caminho diverso do homem, pois assim a Sagrada Escritura nos exorta: “Se alguém dentre vós se julga sábio à maneira deste mundo, faça-se louco para tornar-se sábio, porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus” (I Coríntios 3, 18-19).

Papa diz que santos escondidos no dia a dia dão esperança

O Santo Padre pede que fiéis não sejam cristãos de aparência, mas vivam a santidade na vida quotidiana, pois isso é motivo de esperança. Em homilia, o Papa destaca exemplo de homens e mulheres que vivem a santidade no quotidiano. **É verdadeiramente cristão quem coloca em prática a Palavra de Deus, não basta ter fé.** Comentando o Evangelho que fala da casa construída sobre a rocha ou a areia, o Papa convidou a não ser “cristãos de aparência”, cristãos maquilhados, porque com um pouco de chuva a maquilhagem vai embora.

Francisco enfatizou que não basta pertencer a uma família muito católica, a uma associação ou ser um benfeitor, se não se segue a vontade de Deus. Os cristãos de aparência construíram a sua casa sobre a areia. Por outro lado, o Papa observou que há muitos santos no povo de Deus, não necessariamente canonizados, mas homens e mulheres que colocam em prática o amor de Jesus. Esses sim, construíram a casa sobre a rocha que é Cristo.





O APÓSTOLO DOS TRANSVIADOS

Foi preciso algum tempo para que os acontecimentos da Serra d'Aire pudessem ser reconhecidos pela Igreja. A mensagem da Virgem teve de ser posta em ação, para depois poder dar os seus frutos.

Com o Evangelho da consolação de Fátima, uma literatura anticlerical exercia a sua influência. Havia alguns anos que certos escritores espalhavam uma semente de descrença, que medrava junto do trigo. Os primeiros anos depois da revolução de 1910, e mesmo anteriormente, representaram uma renovação literária, como já não se fazia sentir desde o tempo de Camões. Estes homens de letras não eram poetas apolíticos que, como Balzac, vivessem em águas furtadas, encerrados no mundo da sua fantasia. Pelo contrário, pareciam-se mais com Voltaire, que fazia dos livros um púlpito de ataque à tradição.

Estas obras, admiravelmente escritas e lidas por todas as classes, prejudicaram a Igreja durante muitos anos.

A descrença não só contaminou as cidades, como também as vastas regiões do país, especialmente o Sul, onde as populações se encontravam já muito afastadas da Igreja. As províncias do Alentejo e Ribatejo foram as mais atingidas por esta onda do neopaganismo.

O Padre Cruz trazia agora para este deserto de credice e de confusão dos espíritos a luz do verdadeiro Cristianismo. Embora levando uma vida dura e miserável, os camponeses mantinham-se fiéis a Nossa Senhora, mesmo quando a influência dos padres era nula, quando lhes chamavam intruções e cúmplices dos opressores ricos. Sacrificavam-se de boa vontade contribuindo para as festas em honra da Santíssima Virgem. O Padre Cruz encontrava nas suas viagens de apostolado muitas vezes estranhos precursores: os antigos presos do Limoeiro. As únicas palavras de consolação que lá ouviram vieram da boca do bom sacerdote que era o único advogado que tomava conta dos seus casos, que os defendia no tribunal, e que intercedia junto dos juízes a favor deles. Compreende-se que estes homens, uma vez em liberdade, lhe ficassem agradecidos. Quando ele visitava qualquer paróquia, estes amigos, antigos reclusos, aconselhavam os homens da aldeia a escutarem-no.

O Padre Cruz era encarregado de preparar, por meio de prédicas, as visitas pastorais do Patriarcado.

Na linguagem simples do povo, sabia explicar as verdades eternas. O objetivo das suas palavras era uma boa confissão e uma reconciliação com os inimigos. Procurava regularizar os casamentos e batizar as crianças, os homens e as mulheres que viviam sem Deus. Nunca esquecia a oração nestas visitas. Para onde quer que fosse, mantinha um diálogo secreto com o Divino Mestre. Gostava de consolar os doentes e, se havia uma prisão no lugar que visitava, assim que chegava, para lá se dirigia.

Seria falso acreditar que uma só visita ou algumas práticas chegassem para afastar o pecado. A graça chama, mas não se impõe a ninguém. Uma visita do Padre Cruz dava às paróquias a consciência da fé, fortalecia os bons, sacudia os pecadores, e preparava o ambiente para a compreensão da mensagem de Fátima. O seu apostolado junto do povo constituiu um renascimento da fé em Portugal. O Padre Cruz não trouxe ideias novas, nem tão-pouco possuía dons oratórios, como muitos pregadores.



A sua ação era silenciosa e secreta. Era sobretudo no confessionário que se fazia sentir o seu poder. Parecia dotado, como o santo cura d'Ars, dumha força profética para comover e modificar as almas. Embora estivesse a confessar durante dias, e absolvesse incansavelmente longas filas de pecadores, a sua atividade nunca degenerou em rotina. Nunca se precipitava e com uma apreensão notável comprehendia depressa a parte essencial dumha confissão, sabendo aconselhar os casos mais complexos.

Depois de absolver as mulheres durante o dia, vinham os homens ao escurecer. Os camponeses endurecidos do Alentejo, que anteriormente nada queriam saber de padres, ajoelhavam a seus pés. A maioria desconhecia o ato de contrição. Muitas vezes, estes homens afastados da Igreja tinham uma opinião formada acerca de si mesmos. Consideravam-se honestos e sem pecados, porque não tinham matado, nem roubado, nem feito mal a ninguém. O Padre Cruz sabia, em tais casos, ajudar a fazer um exame de consciência, sem magoar os ignorantes.

Fazia-lhes tranquilamente uma explicação da fé, da moral, dos mandamentos e ajudava-os de uma maneira tão simples, que todos ficavam cativados. Muitas vezes a dor pelos pecados espelhava-se tão vivamente nos seus olhos, que os penitentes ficavam comovidos.

Quando, a altas horas da noite, o sacristão fechava a igreja, e o Padre Cruz ceava no presbitério ou em casa de amigos, era frequente baterem à porta e pedirem para lhe falar. Estas naturezas nicodémicas que evitavam os templos durante o dia, nem ousavam visitá-los de noite. Tratava-se de homens de círculos intelectuais e políticos, que se gabavam junto dos seus colegas de ter renunciado desde há muito «a acreditarem nos padres». Frases como a «fábula de Cristo», a «lenda de Deus» ninguém as pronunciava na sua presença. O Padre Cruz não perdia tempo com esses intelectuais, discutindo sobre as provas da existência de Deus. Passava imediatamente ao essencial, a confissão, como outrora o Santo Cura d'Ars.

*Dr. Ervino Hemle S.A.C.
(Edições Paulistas)*

**CARIDADE
SEMPRE
VIVA**



A verdadeira caridade abre os braços e fecha os olhos.
(S. Vicente de Paulo)

Era notória a caridade com que o Rev. Padre Dr. Cruz socorria os necessitados. Ninguém que tivesse qualquer necessidade, tendo recorrido a ele, deixava de receber auxilio. O seu «saco» (aquele precioso saco a que me referi já) continha sempre algum dinheiro para ele distribuir, muito ou pouco, segundo o que entendia. Às vezes, o venerando Padre dava esmolas largas, que deixavam os beneficiados na incerteza de que tal quantia lhes ficasse a pertencer. Eram esmolas que outras pessoas, possuidoras de bens, depositavam em suas mãos, para que ele lhes desse o conveniente destino.



Há alguns anos, em uma praia nortenha, quando o virtuoso Sacerdote visitava uma família alentejana de seu conhecimento, alguém entregou-lhe um sobreescrito com uma avultada quantia. O venerando Padre perdeu aquele dinheiro, e logo advertiu algumas pessoas acerca deste percalço. Uma mulher do povo, tendo achado o dinheiro, apresentou-se-lhe no dia seguinte e restituiu-lhe o sobreescrito com a quantia intacta. O bom Padre Dr. Cruz alegrou-se com essa entrega, porque, disse ele, «naquele mesmo dia necessitava socorrer uma família pobre, que se encontrava em sérios embaraços pecuniários, e ele não possuía naquela ocasião outros fundos suficientes».

Quando ele visitava os enfermos, ou estivessem hospitalizados ou em suas habitações, nunca deixava de lhes dar esmolas, as quais, muitas vezes, colocava sob o travesseiro das suas camas. Aos encarcerados do Limoeiro e das Mónicas também não faltava com os seus socorros, ou directamente, para atender às necessidades do seu vestuário, ou a suas famílias, algumas das quais visitava e a outras escrevia.

Além destas esmolas, dava muitas outras para os Seminários, para as Missões, para as igrejas pobres, para as Escolas e para outros institutos necessitados de auxílio pecuniário.

Numa vez, ao cair da tarde, saí com ele de uma Capela na Rua do Sol (ao Rato) onde estava o Sagrado Lausperene. Desde a referida Capela até ao Largo do Rato contei cinco pessoas de aspecto quase miserável, que se lhe dirigiram a pedir esmola. A todos atendeu, tirando do saco moedas, cuja importância não verificava.

Quando chegámos ao Largo do Rato, quase ao entrar na Rua do Salitre, encaminhou-se para ele um homem, ainda novo, vestido com calças e blusa de ganga azul, e pediu-lhe esmola. O virtuoso Sacerdote abriu o «saco» e tirou uma moeda. Quando, porém, ia entregar-lha, o «pobre», que se apresentara com ares zombeteiros, recolheu subitamente a sua mão, de maneira que a referida moeda caiu na calçada, tinindo de modo que se conhecia ser de prata.

O homem colocou, logo, o seu pé sobre a moeda para que esta ficasse oculta; e, novamente, se dirigiu ao virtuoso Sacerdote, pedindo-lhe outra, porque (acrescentou ele) aquela se perdera. O bom Padre não se deixou enganar pelo astuto «pobre»; e, aproveitando a ocasião para falar do Evangelho e de Nosso Senhor Jesus Cristo, contou-lhe a parábola da «dracma perdida», de que nos fala o Evangelista São Lucas, no Capítulo XV. No final, olhando todo sorridente para o «pobre» com gestos de boa fraternidade, acrescentou:

— Ora, meu irmão, queira levantar o seu pé, porque a moeda, que lhe dei, está debaixo dele. Não lhe dou outra, porque não se deve malbaratar o pão dos pobres.

E, tendo assim falado, seguiu sorridente para o vizinho templo de São Mamede, onde, àquela hora, se realizava a Hora Santa.

J.C. Freitas Barros

“Páginas da Vida do Padre Dr. Cruz”

Se considerarmos atentamente a misericórdia de Deus, nunca deixaremos de fazer o bem de que formos capazes: com efeito, se damos aos pobres por amor de Deus aquilo que Ele próprio nos dá, Ele promete-nos o céntuplo na felicidade eterna. Feliz pagamento, ditoso lucro! Quem não dará a este bendito mercador tudo o que possui, se Ele procura o nosso interesse e, com os braços abertos, insistente mente pede que nos convertamos a Ele, que choremos os nossos pecados, e tenhamos caridade para com as nossas almas e para com o próximo? Porque assim como o fogo apaga a água, a caridade apaga o pecado.

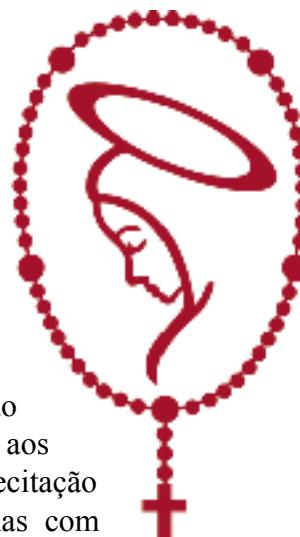
(S. João de Deus, Cartas)



A «ESPADA» DA PAZ

Na sua exortação apostólica sobre o Rosário, S. João Paulo II diz duas coisas surpreendentes: só reza o terço quem for capaz de amar; o terço é o caminho mais curto para a paz. Ao dizer isto, S. João Paulo II não fez mais do que comentar o pedido de Nossa Senhora aos Pastorinhos, quando fazia depender da recitação do terço, não de um modo apressado, mas com «devoção», a conversão dos «pobres» pecadores e a paz para o mundo, nesses anos envolvidos numa guerra sangrenta, a primeira guerra mundial e numa não menos sangrenta revolução, a revolução russa em Outubro de 1917. Foi neste contexto de sangrenta e desumana violência que Nossa Senhora pediu aos Pastorinhos que rezassem o terço do Rosário pela paz e pela conversão dos pecadores. Por isso, quando S. João Paulo II diz que a recitação do Rosário (do terço) é linguagem de amor e caminho da paz, está a comentar e a expandir para o século XXI o que no início do anterior Nossa Senhora tinha dito às crianças, os Pastorinhos, capazes, como ninguém, de entender e praticar esta linguagem. De facto, só reza quem ama; só pode construir a paz quem estiver interiormente pacificado. E a paz no mundo está dependente destes pacificadores, segundo a palavra de Jesus: «bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus». Se hoje não há paz no mundo é, seguramente, porque os homens não vivem como filhos de Deus e por isso não se sentem irmãos e muito menos se comportam como tais...

D. Oliver Dashe Doeme, Bispo da Diocese de Maiduguri, no nordeste do Borno, na Nigéria, acredita que a recitação do terço está a dar a vitória contra o terrorismo do Islão. Dom Oliver diz que



teve uma visão quando estava a rezar o terço diante do Santíssimo Sacramento na sua capela pessoal. Jesus apareceu-lhe. De início, não disse nada. Mas depois ofereceu-lhe uma espada. Assim que ele pegou na espada, esta transformou-se num terço. E Jesus repetiu três vezes: «O Boko-Haram («a educação ocidental ou não islâmica é um pecado») ir-se-á embora».

Dom Oliver acredita (e já tem sinais disso na Nigéria) que esta «espada» dará a vitória aos cristãos contra o terrorismo sob todas as suas formas, como já deu na batalha de Lepanto em que a armada cristã derrotou a turca, evitando então que o Islão dominasse o mundo cristão, no dia 7 de Outubro de 1571.

Não quer com isto todavia dizer-se que só rezando o terço é que os problemas serão resolvidos e vencidas as batalhas actuais. A oração dá força para o combate, mas os crentes devem fazer a sua parte, combatendo, como católicos militantes, dando a cara na defesa da justiça e da verdade.

O cristão encontra na oração a força para o combate, mas depois é preciso agir concretamente, combatendo, dando a cara pelas grandes causas, do homem, do mundo e de Deus, nos ambientes nos quais cada um vive: é aí que começa a construção da paz e a oração do terço, porque é a força dos simples e de quem é capaz de amar, é mais forte, para quem a pratica e para a vitória do bem, do que todas as outras, que têm um tempo limitado de acção.

Em Fátima, Nossa Senhora prometeu aos Pastorinhos: “tereis muito que sofrer, mas o meu Coração Imaculado será o vosso conforto e o caminho que vos há-de conduzir a Deus.” Disse também que no fim o seu Imaculado Coração triunfaría. É preciso que cada um de nós se decida de que lado é que quer estar: do lado de Deus ou das ideologias que se mostram como uma nova religião alternativa; seguir pelo caminho da cruz que conduz à vida; ou pelo caminho da cruz que leva à morte.

*P. José Jacinto Ferreira de Farias scj
Assistente Espiritual da Fundação AIS*



AVISO

Pedimos a todos os amigos e benfeiteiros que enviem **toda a correspondência** relacionada com a **Causa de Canonização do Padre Cruz APENAS PARA** a seguinte morada:
**Apartado 2661
1117-001 LISBOA**



Agradecem as graças alcançadas por intercessão do Santo Padre Cruz e, em sinal de gratidão, contribuíram para a Causa de Canonização do Servo de Deus.

Estou muito agradecida ao meu querido Santo Padre Cruz.

Foi diagnosticado um cancro nos intestinos à minha filha Estela, em novembro de 2014. Em 3 de dezembro de 2014 foi para o hospital, no IPO do Porto, ao fim do dia, para ser operada. A minha era grande, como mãe, mas a fé no Santo Padre Cruz é maior e rezei sempre junto dos meus netos, Lucas e Luísa, pois os médicos tinham-nos avisado para o pior. Terminou a operação e informam o meu genro para descansar que correu tudo bem, agora é só aguardar que passe o efeito da anestesia. (...)

Era noite, sozinha com os meus netos estava descansada, o meu genro estava num hotel perto do hospital para lhe poder dar apoio. Para meu grande espanto, chega o meu genro a casa. Ele, perdido de tristeza, me diz: "Não sei se vamos ter Estela!"

Quando pensei de a ir ver dão-me a notícia que a tinham operado de urgência, pois tinha surgido outro problema, encontrava-se na sala de cuidados intensivos e que aguardássemos mais informações.

Pedi a Deus e pedi ao Santo Padre Cruz que não nos abandonassem, que me salvassem a minha filha e o Santo Padre Cruz lhe restituui a vida com o seu grande amor.

No fim a graça aconteceu e foi salva. Em 15 de julho de 2015 fez exames e os médicos dizem que está tudo bem, com boa cicatrização.

Honrado seja o Padre Cruz.

Edviges (Baixa da Banheira);



Venho agradecer uma graça.

Quando me apareceu uma “bola” na barriga, do lado esquerdo, fiz a novena ao Santo Padre Cruz e desapareceu-me a tal “bola” e a dor. Muito obrigada meu querido Santo que me responde sempre que necessito da tua ajuda.

Fernanda Gameiro Alves (Lisboa);

Venho pedir que sejam publicadas duas graças recebidas por intercessão do Servo de Deus, Padre Cruz.

Desde os inícios dos concursos de professores que venho pedindo ao Servo de Deus, Padre Cruz, que o meu filho tivesse colocação próximo de casa, pois tem dois filhos pequenos e tornou-se difícil a deslocação.

Com a graça de Deus ele foi colocado e ficou o mais próximo que havia nas vagas existentes. Já no ano anterior fiz o mesmo pedido ao Servo de Deus e ele também se aproximou de casa.

Assim, considero que o Servo de Deus sempre me tem escutado e continua e continua a ser o santo a quem peço todos os dias ao levantar da cama para que nos ajude em todos os passos.

Amilcar Almeida (Belazaima do Chão);

Entre as muitas graças que me tem sido concedidas, agradeço em especial ao meu querido Santo Padre Cruz a cura da boca do meu filho.

Arrancou 14 dentes e, cada vez que levava anestesia, o médico tremia porque ele ficava sempre mal. Tinha que ir sempre às urgências e era alérgico aos medicamentos, ficava cheio de manchas vermelhas.

A nossa aflição era tão grande, mas graças ao Santo Padre Cruz já tem os dentes todos, tudo correu bem.

Maria Altina Carvalho Estrafalhote (Sertã);

Venho agradecer ao meu querido *Santinho Padre Cruz* tantas graças que me tem concedido, pois há bastantes anos que me tem sempre ouvido, graças a Deus.



Há 1 ano fui operada à vista e tudo correu muito bem, já usava óculos há 50 anos e agora faço tudo sem eles.

Tive uma dor num joelho, custava-me a andar. O médico onde fui disse-me que estava cheio de líquido, e tinha de fazer uma ecografia e uma radiografia, onde acusou líquidos, quisto e artroses. O médico disse-me que só com uma operação, mas que não me aconselhava porque eu ia ficar pior. Como me custava muito a andar, fui a um especialista que me tirou o líquido sem ser preciso operação graças ao meu querido *santinho* e a Jesus a quem eu muito pedi para que não fosse operada.

Peço ao meu querido *santinho* que continue a pedir a Deus por mim e pelas minhas netas, filha, marido e genro.

Obrigada, meu grande amigo *Santo Padre Cruz*.

Mariana Amélia Ferreira (Coz);

Agradeço ao *Santo Padre Cruz* todas as graças que me tem concedido e continuo a receber, pois a ele recorro sempre que necessito de ajuda para mim e minha família.

Obrigado, meu protetor.

*Francisco Loureiro e Maria de Lurdes Costa
(Santa Marta de Portuzelo);*

Ao meu muito querido amigo e doce *Santo Padre Cruz*, agradeço do fundo da minha alma e do meu coração todas as graças que me tem concedido, à minha filha e netinhas.

*Maria da Glória Silva Laracho
(Ermesinde);*

Venho agradecer ao bondoso P. Cruz a graça que me concedeu da minha filha ter sido chamada para a entrevista de trabalho de Enfermagem na Venerável Ordem da Trindade - Porto e ser admitida.

Também vos quero agradecer a sua admissão na bolsa do Hospital de S. João e continuo a pedir a vossa intercessão para que seja chamada para aí desempenhar as suas funções de enfermeira.



Muito grata e agradecida ao querido protetor P. Cruz por todas as graças alcançadas.

Helena Augusta Vasconcelos Bessa (Paredes);

Agradeço graças. O *Santinho Padre Cruz* tem-me ajudado muito ao longo da vida, recorro sempre a ele e ele intercede sempre junto de do Senhor, pelas minhas preces. Obrigada!

Maria Cidalina Santos (Águeda);

Venho agradecer ao Padre Cruz uma graça já alcançada há longos anos.

Tendo o meu filho feito um exame à bexiga, descobriu o técnico que a bexiga do meu filho tinha todo o aspeto de uma pessoa já idosa. Teria nessa altura o meu filho trinta e poucos anos (hoje tem quarenta). Perante tal suspeita, o meu filho foi a um conceituado especialista que lhe disse que a bexiga tinha um aspeto perfeitamente normal.

Obrigada Padre Cruz.

Branca Nunes Magalhães (Paredes);

Andando eu muito doente com um grande problema no peito e a fazer exames, tomava muitos remédios e de nada valia. Tinha várias crises, com muita falta de ar, ficando sufocada, muitas vezes pensava que era o fim da minha vida. Os próprios médicos não sabiam o que fazer e virei-me para o meu *Santo* protetor Padre Cruz para que me valesse e que pedisse por mim para que esta crise fosse aliviada.

Rezei muito, pedi muito ao meu *Santo Padre Cruz*, se tal não fosse, não ia aguentar muito tempo, mas graças a Deus e aos meus santinhos, tudo melhorou, sinto-me bem embora de vez em quando ainda apareça mas tudo mais leve e sem grande problema.

Mais uma vez agradeço ao *Santo Padre Cruz* que me acode em todas as horas mais aflitas. Agradeço várias graças alcançadas por sua intercessão.

Almerinda M. Gonçalves (Almas de Areosa).



DERAM ESMOLA

e

AGRADECEM GRAÇAS

António Jesus Araújo Braga Tinoco (Braga); Ana Ramos Nunes Durão e Gracinda N. Durão Correia (Barrancos); António Joaquim Bucho Branco (Amadora); António Romão de Castro (Rio de Mouro); Maria da Graça Guerra Carrapatoso; Geraldo Costa Rafael; Clemência da Graça Almeida (Lisboa); Mavilde Graça (Lamego); Maria Purificação Gonçalves (Caracas, Venezuela); Lília Dores Henriquez (Lisboa); Anabela Oliveira (Rio de Mouro); Maria Leonor Gomes (Lisboa); Maria Manuela Sousa (Lisboa); Maria Teresinha Jesus Gomes Freitas Almeida Silva (Almada); Clementina Tavares da Silva (Lever); Engrácia de Jesus Ribeiro (Braga); Maria

Rijo Alexandre Ferreira (Santiago dos Velhos); José Carlos Belo Pais Ruas (Mafra); Júlio Augusto dos Santos Tadeu (Moita); Olga dos Anjos Antão Fernandes (Portela do Fojo); Antónia Conceição de Castro Faria (Durrães); Guilhermina Santos Vouga Liz; Delmira Pinheiro Miranda (Lisboa); Deolinda Maria Vitória (Barreiro); Maria Conceição de Ponte (Câmara de Lobos, Madeira); Filomena Azevedo (Calheta, Açores); José Rodrigues de Oliveira (Ponte); Maria de Lurdes Rodrigues S. P. Abrantes (Canas de Senhorim); Maria Esperança de Jesus Ferreira (Funchal, Madeira); Ester Almeida (Horta, Açores); Maria do Carmo Marta Gaspar (Crato); Francisco Santos



(Linda-a-Velha); Linda Rosa Nunes Rocha S. Couto (Penafiel); Manuel Correia Pereira (São Julião); Maria Beatriz Alves G. Guerra (Benavente); Maria Cidalina Santos (Águeda); Maria Isabel Jesus (Funchal, Madeira); Conceição Afonso Borges (Braga); Olga Diniz (Kanata, Canadá); Maria Manuela Roque Sousa (Lisboa); Maria José Rodrigues Silva (Tabuaço); Maria Júlia Rodrigues Costa Oliveira (Santarém); Arminda da Conceição Tomaz Silva (Sintra); Maria Adelaide Ferreira (Peso da Réguia); Maria Helena da Fonseca Martins (Ferreira das Aves); Maria de Fátima Carvalho e família (Porto); Cecília Maria Denthinho da Silva (Meãs do Campo); Amílcar Almeida (Belazaima do Chão); Maria Lia N. Dias (Póvoa de Varzim); Maria Lucinda Senos (Ílhavo); Clementina Tavares da Silva (Lever); Maria Altina Carvalho Estrafalhote (Sertã); Francisco Manuel Loureiro e Maria de Lurdes Costa (Viana do Castelo); Maria de Lourdes Rebelo (Ontário, Canadá); Alcinda Deveza Queiroga (Apúlia); Assunção Correia e Manuel José Correia (Lisboa); João Correia

(Tortosendo); Maria de Lurdes T. Barbosa Coelho (Lisboa); Fernanda Maria S. Gameiro Alves (Lisboa); Almerinda Martins Ribeiro Chorão e Luís dos Reis Chorão (Fernão Ferro); Maria teresa Sousa Gião Silva Moreira (Trofa); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Carlos Alberto Cautela Neves (Meda); Jacinta de Jesus Barros Lucas Machado (Boidobra); Lúcia de Lemos Vitoria Fernandes (Angra do Heroísmo, Açores); Maria Cidalina F. S. Santos (Águeda); Maria Conceição Fernandes da Cruz (Viana do Castelo); Maria Andrade (Elizabeth, EUA); Helena Augusta Vasconcelos Bessa; Maria Custódia Soares (Corroios); Maria Rosa Pires Guilherme (Amadora); Évila Carreira Sousa Páscoa Soares (Amora); Victor Manuel Sousa (Amadora); Maria Madalena Pereira (Madalena do Pico, Açores); Maria Lourdes Loureiro Alves (Matosinhos); Maria Adelina Pereira (Madalena do Pico, Açores); Iva Natal Vieira Coderniz (Ribeirinha, Açores); Carolina Esmeralda Sousa Martins Moutinho (Porto); Maria da Glória Silva Laracho (Ermesinde); Maria Cidalina

Santos (Águeda); Maria Elvira Moreira e António Pedro Gomes Moreira (Braga); Branca Nunes Magalhães (Paredes); António Xavier Forte (Escudeiros); Jorge Freitas (Lisboa); Maria Emilia Barros Rodrigues (Pousaflores); Lila Caseiro (Lisboa); Leonília Sequeira Ferreira (Santarém); Marieta Brisida Esteves Martins de Lima (Rio Tinto); José António Figueira Vargas (Beja); Rui Manuel Dinis Ferreira (Ericeira); Maria Laurinda Ribeiro Mata; Norberto Alves Monteiro Oliveira (Santo Tirso); Maria Manuela Ferreira Roque Sousa (Lisboa); Maria; Almerinda Martins Gonçalves (Aguada de Cima); Carolina Augusta Valente da Silva (Avanca); Maria Helena R. Lages Costa (Braga); Maria João Boyle (Londres, Reino Unido); Sandra Elisabete Santos Rodrigues (Castelo Branco); Mafalda Ferreira (Gondomar); Leonel Maria Silva Rodrigues (Funchal, Madeira); Maria Filomena Mendes de Seiça Santos (Coimbra); Maria Alice Castanheira Pereira (Póvoa de Santo Adrião); Maria Manuela Reis Costa (Lisboa); Maria de Fátima Moutela Godinho (Salreu); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Anna R. Young (Cranston, EUA); Maria Margarida Simões Moita Souto Martinot (Lisboa); Maria da Assunção Pereira da Silva (Lisboa); Maria Alice Teles Remédios; Maria Manuela Roque Sousa (Lisboa); João da Costa Tavares (Porto Salvo); Mariana Monteiro Ferreira (Estarreja); Alzira Alves da Cunha (Vila das Aves); Alice Conceição Martins Silva (Cambra); Ana Maria Rosa de Amaral Ferreira (Fernão Ferro); Inês da Conceição Pereira (Sardoal); Maria Isabel Ramos Torcato Pereira (Agualva Cacém); Maria Silveira (Califórnia, EUA); Margarida G. Derouen (Cocoa, EUA); Olívia de Jesus Dias Ramalho (Rio de Mouro); Maria Azevedo da Silva (Porto); Maria Luísa Gomes Correia dos Santos Almeida (Coimbra); Maria Luísa Silva (Cabrela); Maria Olga Simões Delgado Ferrão (Sobreda); Maria de Oliveira Dias Sangueudo (São Félix da Marinha); Maria Rosette da Silva Pereira Saraiva Marques (Lisboa); Maria A. Lopes (Coimbra); Armandina Ferreira Oliveira (Porto); Idalina da Conceição dos Santos Martinez (Lisboa); Francisco G. San-



tos (Cascais); Margarida Morgado (Etobicoke, Canadá); Maria Luz Pinto Basto Santos Neves (Porto); Maria Adélia Granja (Lisboa); Cristina Maria Antunes Abreu (Baixa da Banheira); Maria José Couto E. Santos (Lisboa); Palmira Anjos Veríssimo (Sobreda); Maria Isabel Ferreira Gil (Mexilhoeira Grande); Maria de Fátima Fernandes Afonso Teixeira (Bragança); Maria da Graça Pereira Inácio (Colares); Angelina Maria Guerreiro Dias (Ourique); Delfina Caldas Dias Vilar (Vila do Conde); Raúl Monteiro (Parede); Lourdes Melo (Calgary, Canadá); Maria Carolina Lopes da Silva (Lisboa); Maria Alice de Lima Vieira André (Alcobaça); Elizabeth Silva (Matawan, EUA); Maria Alice Pimenta Gomes (Braga); Maria Leonor Gomes (Lisboa); José António Góios da Cruz (Caminha); Ester Tourais Fernandes (Vilar Formoso); Manuel Correia Pereira (São Julião); Maria Dionizio Evaristo (Villefranche Sur Saone, França); Aldina Carvalho (Ontário, Canadá); Emília Estanque (Póvoa de Santa Iria); Juvenália Alves (Barreiro); Leontina Augusta Castro Costa de Azevedo (Porto); Perpétua de Jesus Geralda Baptista (Cacém); Beatriz de Fátima da Conceição Morais (Coimbra); Gabriela da Silva Faria (Carapinheira); Maria Isabel Catum Lourenço e Susana Catum Lourenço; Manuel Araújo Amorim (Alcabideche); Maria Helena Mota Gonçalves (Porto); Delmira Maria Pinheiro Miranda (Lisboa); Alzira Martins de Sá (Porto); António de Matos Rolo (Gavião); José Augusto de Oliveira Beiramar e Amélia Beiramar e filho (Braga); Maria Salgueiro (São Pedro do Sul); Armando Vitor Soares (Urzelina, Açores); Carolina Tavares Andrade Gavina (São Mamede infesta); Iria Sousa Toste (Vila de São Sebastião, Açores); Maria da Conceição Pereira da Costa (Coimbra); Maria Esmeralda Alves Moreira da Silva (Gondomar); Maria Helena Coelho Silva Sousa Guimarães (Belas); Maria Isabel Jesus (Funchal, Madeira); Maria Fátima de Sousa Dias Alves (Valongo); Maria Manuela Ferreira Roque Sousa (Lisboa); Arlette Teixeira (Braga); Rosa Conceição Castro Vieira (Fafe); Fernanda Quadros (Salreu); Mariana Amália Ferreira (Coz).



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

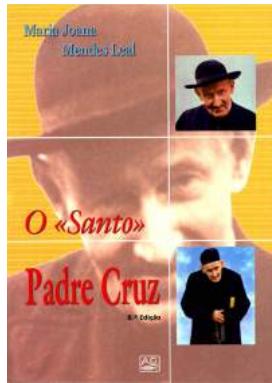
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredito. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz, exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Diretor do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:	30-12-1971



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do Santo Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

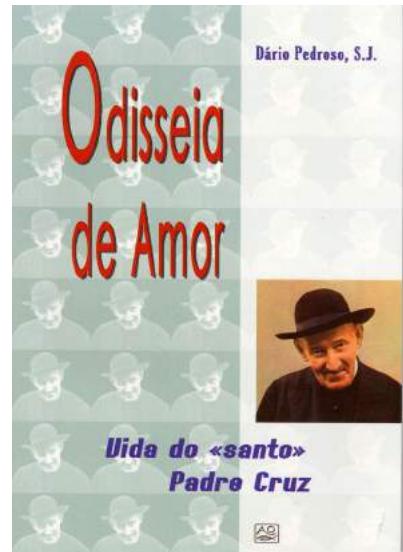
ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA TRIMESTRAL

Proprietário: Província Portuguesa da Companhia de Jesus
Estrada da Torre, 26 1750-296 Lisboa

Diretor: P. António Reis S.J.
Sede da Redação: Rua da Madalena, 179 R/C
Apartado 2661
1117-001 LISBOA

Telef.: 218 860 921
Site: <http://www.padrecruz.org>
e-mail: causapadrecruz@padrecruz.org

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Tiragem: 2.000 exemplares
Registo: I.C.S. 102106 - Depósito Legal: 17.244188

Pedidos: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. - Largo das Teresinhas, nº5, 4714-504 BRAGA.
Deve enviar com o seu pedido, cheque ou vale postal.